

AS PALAVRAS DE SARAMAGO

*Catálogo de reflexões pessoais,
literárias e políticas*

*Elaborado a partir de declarações
do autor recolhidas na imprensa escrita*

*Organização e seleção de
FERNANDO GÓMEZ AGUILERA*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

José Saramago em sus palabras — Catálogo de reflexiones personales, literarias e ideológicas

Capa

Hélio de Almeida

Tradução dos trechos em espanhol

Rosa Freire d'Aguiar

Bernardo Ajzenberg

Eduardo Brandão

Tradução dos trechos em italiano

Federico Carotti

Preparação

Huendel Viana

Revisão

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saramago, José, 1922-2010.

As palavras de Saramago : catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas / Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: José Saramago em sus palabras : catálogo de reflexiones personales, literarias e políticas.

"Elaborado a partir de declarações do autor recolhidas na imprensa escrita."

Tradução do espanhol Rosa Freire d'Aguiar, Bernardo Ajzenberg, Eduardo Brandão ; tradução do italiano Federico Carotti ; tradução do francês Rosa Freire d'Aguiar.

ISBN 978-85-359-1721-5

1. Escritores portugueses - Entrevistas 2. Jornais - Seções, colunas etc. 3. Saramago, José, 1922-2010 4. Saramago, José, 1922-2010 - Entrevistas I. Aguilera, Fernando Gómez. II. Título.

10-08014

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Saramago : Reflexões pessoais : Entrevistas 869.8

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Eu sou uma pessoa pacífica, sem demagogia nem estratégia. Digo exatamente o que penso. E o faço de forma simples, sem retórica. As pessoas que se reúnem para me ouvir, e com sua independência concordam ou não com o que penso, sabem que sou honesto, que não procuro conquistar nem convencer ninguém. Parece que a honestidade não é muito usada nos tempos atuais. Elas vêm, ouvem e se vão contentes como quem tem necessidade de um copo de água fresca e o encontra ali. Eu não tenho nenhuma ideia do que vou dizer quando estou diante das pessoas. Mas sempre digo o que penso. Ninguém nunca poderá dizer que eu o enganei. As pessoas têm a necessidade de que se fale com elas com honestidade.

José Saramago, 2003

Eu sei o que é, sei o que digo, sei por que o digo e prevejo, normalmente, as consequências daquilo que digo. Mas não é por um desejo gratuito de provocar as pessoas

ou as instituições. Pode ser que se sintam provocadas, mas aí o problema já é delas. A pergunta que faço é por que é que eu me hei de calar quando acontece alguma coisa que mereceria um comentário mais ou menos ácido ou mais ou menos violento. Se andássemos por aí a dizer exatamente o que pensamos — quando valesse a pena —, teríamos outra forma de viver. Estamos numa apatia que parece que se tornou congênita e sinto-me obrigado a dizer o que penso sobre aquilo que me parece importante.

José Saramago, 2008

Dizem-me que as entrevistas valeram a pena. Eu, como de costume, duvido, talvez porque esteja cansado de me ouvir. O que para outros ainda pode ser novidade, para mim se transformou, com o passar do tempo, em comida requentada. Ou coisa pior, amarga-me a boca a certeza de que umas tantas coisas sensatas que pude dizer durante a vida não terão, no fim das contas, nenhuma importância. E por que haveriam de ter? Que significado tem o zumbido das abelhas dentro da colmeia? Acaso lhes serve para se comunicarem umas com as outras?

José Saramago, 2008

Creio que me fizeram todas as perguntas possíveis. Eu próprio, se fosse jornalista, não saberia o que perguntar-me. O mal está nas inúmeras entrevistas que tenho dado. Em todo o caso, tenho o cuidado de responder seriamente ao que se me pergunta, o que me dá o direito de protestar contra a frivolidade de certos jornalistas a quem só interessa o escândalo ou a polémica gratuita.

José Saramago, 2009

A José, *in memoriam*, razão de vida.
E a Pilar, abraçando o porvir.

A Marga, Carla e Alonso, que respiraram
este livro e são a respiração dos dias.

SUMÁRIO

Prefácio — Crônica do escritor na rua, 11

1. QUEM SE CHAMA JOSÉ SARAMAGO, 21

Azinhaga, 23

Autorretrato, 29

Lisboa, 64

Vida, 71

Portugal, 96

Ética, 109

Deus, 116

Razão, 131

Pessimismo, 137

Ser humano, 143

Lanzarote, 161

Morte, 169

2. PELO FATO DE SER ESCRITOR, 177

Literatura, 179

Escritor, 189

Autor-narrador, 219
Estilo, 226
Romance, 245
História, 251
Mulher, 260
Obra literária própria, 269
Leitores, 324
Prêmio Nobel, 331

3. *O CIDADÃO QUE SOU*, 339

Compromisso, 341
Comunismo, 356
Cidadania, 371
Não, 376
Democracia, 381
Iberismo, 391
América Latina, 398
Europa, 416
Política, 426
Meios de comunicação, 439
Direitos humanos, 446
Pensamento crítico, 453

I. QUEM SE CHAMA JOSÉ SARAMAGO

Através das suas frequentes intervenções nos meios de comunicação, Saramago abordou as questões mais diversas, proporcionando juízos e informações sobre sua concepção de mundo e sua própria trajetória de vida, sobre suas ideias e seus sentimentos. Explorando esses materiais na perspectiva do tempo, é possível recompor peça por peça as linhas principais do mosaico da sua própria epopeia, do seu autorretrato moral, mas também das circunstâncias mais destacadas da sua vida. Sem dúvida, trata-se de uma atitude coerente num escritor que não hesitou em reivindicar a si mesmo, enquanto pessoa, como matéria da sua escrita e que praticou um alto grau de exposição pública.

Nas inúmeras entrevistas que concedeu, assim como nas reportagens a ele dedicadas, encontram-se comentários sobre o peso da infância em seu imaginário e em sua conformação individual, sobre os avatares da sua formação autodidata, sobre seu percurso pessoal ou sobre os vínculos irredutíveis mas complexos com Portugal. Saramago compartilhou publicamente com seus admiradores suas convicções e valores, desde as raízes de seu

célebre pessimismo a suas impressões a respeito da morte ou ao papel que atribuía à ética e à razão no âmbito da convivência e das relações sociais e políticas.

Aqui e ali, neste ou naquele jornal, leem-se reflexões e observações suas sobre os traços definidores do seu caráter: melancólico e reservado, solidário e relativista, orgulhoso e irônico, sempre propenso à indignação. Fala da sua família e do seu laicismo, da sua concepção da felicidade como harmonia, da importância que concede à bondade, do seu materialismo, da doença ou da sua inclinação a se interrogar sobre tudo o que o rodeia. A visão de conjunto é a de um escritor permanentemente aberto a praticar a introspecção e a compartilhar seu pensamento com os leitores, ou, se preferirem, com a opinião pública: disposto a dizer quem é José Saramago.

AZINHAGA

A aldeia por excelência: o imaginário da origem e da identidade. Embora sua família fosse mudar para Lisboa quando Sara-mago tinha apenas um ano e meio de idade, o menino e o jovem Zé não deixariam de voltar todo ano, nos períodos de férias, a seu vilarejo de nascimento, ao Casalinho de seus avós maternos, Josefa e Jerónimo, duas referências fundamentais em sua vida. Azinhaga: lugar de árvores ressoantes como oceanos, animais resplandecentes e chiqueiros cuidados por um homem alto, silencioso e enxuto, que compartilhava com o neto, sob uma figueira, estrelas e relatos nas noites de um tempo quase sem nada, bendito, porém, pela plenitude do reino das pequenas coisas.

A aldeia representa o lugar da pobreza e da dignidade rigorosa, a negação do artifício, a despesa da melhor memória, o espaço emocional e físico devorado pelo calendário e suas lacerações. O menino Zé catando espigas nos milharais, levando ao pescoço o saco de pano, onde guardava o ínfimo tesouro da necessidade. Zé furtando saborosas melancias e melões. Zé trepando nas figueiras mais doces do mundo. Zé ajudando o avô Jerónimo a alimentar os

porcos nas pocilgas ou a cultivar favas na horta... Azinhaga: o contato nu com a natureza, correrias com os primos, amores preliminares, lama nos pés descalços e solidões melancólicas, a liberdade de andar sem rumo, desde o amanhecer, pelos olivais prateados, pelas lagoas de Paul do Boquilobo ou junto das águas purificadoras do Almonda, para cima e para baixo da sua beira fabulosa ou dentro do seu caudal, pescando ou remando a bordo da canoinha — o rio que umedece a fábula adolescente do escritor mas também seus versos iniciáticos... Uma pletora, enfim, de emoções e vivências que serão recuperadas, como vimes luminosos, em algumas das suas melhores crônicas recolhidas em A bagagem do viajante ou em Deste mundo e do outro. E como materiais de As pequenas memórias, livro em que Saramago, apanhando recordações da infância e da adolescência, registra e dá fé de seu genoma humano e moral: onde articula literariamente sua própria mitologia fundacional, convertendo-a para sempre numa mitologia literária.

Até os meus vinte e tantos anos, passei todas as férias na aldeia. Até os trinta e tantos, eu voltava a Azinhaga pelo menos uma vez ao ano. Em Azinhaga estão guardadas minhas impressões fundamentais. Quando eu chegava à aldeia, a primeira coisa que fazia era tirar os sapatos. E a última coisa que fazia, antes de regressar a Lisboa, era calçá-los. Os sapatos, e a ausência deles, se tornaram um símbolo muito forte. Na aldeia, todos andavam descalços, menos os homens que usavam suas botas de trabalho.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

[Durante as estadas em Azinhaga, quando criança] eu saía de casa pela manhã e dava longas caminhadas. Andava, andava sem parar. Não fui desses gênios que, aos quatro anos de idade, escrevem histórias. Apenas via as coisas do mundo e gostava de vê-las. Nunca fui de grandes imaginações. Eu não me interessava por fantasias, mas pelo que ocorria. Se um sapo me aparecia, eu ficava a vê-lo, quieto, a observá-lo atentamente como o maior tesouro do mundo. Convivi muito com animais: bois, porcos, carneiros, cabras. Convivi com seus cheiros e com essa espécie de vida nada sofisticada que os animais levam. Eu gostava de estar com a natureza sem abstrair dela nada mais do que ela é. Eu não era um menino muito imaginativo.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Minha aldeia era rodeada de olivais, com oliveiras antigas de troncos enormes. Elas desapareceram. Senti-me como se tivessem me roubado a infância. Hectares e hectares de oliveiras desapareceram para dar lugar a culturas mais lucrativas. A aldeia não mudou tanto, foi a paisagem que mudou. E essa mudança radical na paisagem foi, para mim, uma espécie de golpe no coração.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Regressar a Azinhaga, agora, é regressar a outro lugar que já

não é o meu. A gente, na verdade, habita a memória. A aldeia em que nasci só existe em minha memória.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Não gosto muito da retórica, mas há que dizê-lo de alguma forma: as temporadas na aldeia eu chamo de minha formação espiritual. Nesse sentido, lembro-me que, quando criança, até os catorze ou quinze anos, o que eu gostava era dos passeios pelo campo, sozinho, pelo rio, nas colinas dali, sozinho.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Era disso que eu gostava, da solidão, e parar para ver alguma coisa, um lagarto que estava ali, ou um pássaro, ou nada, ficar sentado na beira do rio, matar umas rãs. Gostava dessas pequeníssimas coisas, a sensação do lodo nos pés descalços, da qual falo num conto, que é uma sensação que sinto ainda agora: os pés naquele lodo do rio, a terra ensopada. É curioso como ficou gravado daquele tempo uma coisa tão banal como a sensação do lodo entre os dedos dos pés. Mas é assim que me lembro, do mesmo modo que das pequeníssimas nascentes que estavam na beira do rio e da água que brotava dascentes, que removia a areia com seu impulso, todas essas pequeníssimas coisas. Meus avós não se preocupavam nem um pouco com meu comportamento. Se tivessem sido gente da cidade talvez houvessem ficado preocupadíssimos, mas eles sabiam que eu saía de casa de manhã ou de tarde e podia ficar horas e horas fora. Depois voltava com a cabeça cheia de coisas, mas não com uma espécie de intuição da natureza, do mistério da vida e da morte... Não, não, eu era muito mais um pequeno animal que se sentia à vontade naquele lugar.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Na aldeia, no rio que passava e passa — mas já não é o mesmo: agora é um esgoto, isso acontece com quase todos os rios do mundo —, eu andava descalço e o lodo se insinuava, subia. Posso ter esquecido muitas outras coisas, porém as mais simples ficaram: a

fogueira em casa dos meus avós, os passeios no campo, o banho nos rios, os porcos, tudo isso, tudo, tudo, tudo.

“SARAMAGO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, N. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

Há imagens que estão aí. E a imagem das coisas tem muito a ver com a pessoa que somos, com o olhar que temos, com a sensibilidade que transportamos dentro de nós. Quando me encontrei com a natureza na minha aldeia de Azinhaga, eu era um menino. Era um menino simples e pobre, nem mesmo precoce. Sensível e sério, isso sim. E um menino sério era um bicho meio esquisito. Estava cheio de melancolia, às vezes de tristeza. Gostava da solidão. Os longos percursos pelos olivais, ao luar. Essa imagem da natureza que sofreu a intervenção do cultivo do homem era minha imagem do mundo. Quando fui para Lisboa, com dois anos, passava os dias sonhando com o momento em que poderia voltar à aldeia, que era onde eu descobria as coisas pequenas. Trepar numa árvore pela primeira vez! Creio que a sensação foi idêntica à do senhor Hillary quando chegou ao Everest e ficou ali, no teto do mundo. Eu me agarrei com força ao tronco, com medo porque a árvore se mexia, mas o mundo era aquele e não outra coisa.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

[Em Azinhaga] onde havia milhares de olivais há, hoje, milhares de hectares de milho. Parece-me ótimo, uma vez que toda a gente precisa de milho, mas eu precisava dos meus olivais. Não digo que me cause dor, mas é uma coisa que me causa um desprazer. Simplesmente, aquela não é a minha terra. De um lado, estão os rios (o Almonda e o Tejo) e a Lezíria, mas, do outro lado, tudo desapareceu.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *VISÃO*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Vivemos num determinado lugar, mas habitamos outros lugares. Eu vivo aqui, em Lisboa, quando cá estou, e vivo em Lanzarote quando lá estou. Mas habitar, habitar, habito naquilo que seria —

ou é — a aldeia. Não se trata, porém, desta aldeia, antes a aldeia da minha memória.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *VISÃO*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Somos muito mais a terra onde nascemos [e onde fomos criados] do que imaginamos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOMOS MÁS DE LA TIERRA DONDE HEMOS NACIDO DE LO QUE IMAGINAMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 28 DE MARÇO DE 2009 [CORRESPONDÊNCIA DE GREGORIO CABRERA].